

**ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO:
REMEMORAR VIVÊNCIAS RACISTAS E CRIAR POSSÍVEIS
NO CURRÍCULO PARA EXISTIR HOJE COMO
PROFESSORA MULHER-PRETA**

***LAST YEAR I DIED, BUT THIS YEAR I WON'T DIE: REMEMBERING
RACIST EXPERIENCES AND CREATING POSSIBILITIES IN THE
CURRICULUM TO EXIST TODAY AS A BLACK WOMAN TEACHER***

Danilo Araújo de Oliveira¹
Joane Beatriz Santos Meneses²

RESUMO

Neste artigo, partimos de uma narrativa autobiográfica de uma professora mulher-preta para pensarmos os processos de subjetivação e educativos em contextos racistas. O procedimento de se implicar na pesquisa para pensar a si mesma partiu de um episódio acontecido ainda na infância e que marcou profundamente uma das pesquisadoras deste texto, o que a mobilizou também para um projeto de intervenção. Assim, ao longo do texto veremos episódios-relatos que se apresentam em um vai e vem que dão ao texto uma não linearidade ou fixidez, mas levam a/o leitora/o por esse vaguear que acontece quando nos misturamos às sensações de nossas memórias.

43

Palavras-chaves: Narrativa Autobiográfica; Antirracismo; Currículo; Educação.

ABSTRACT

In this article, we start from an autobiographical narrative of a black woman teacher to think about subjectivation and educational processes in racist contexts. The procedure of involving herself in research to think about herself came from an episode that happened in childhood and that deeply impacted one of the researchers of this text, which also mobilized her for an intervention project. Thus, throughout the text we will see episodes-reports that are presented in a back and forth that give the text a non-linearity or fixity, but take the reader through this wandering that happens when we mix with the sensations of our memories.

Keywords: Autobiographica; Narrative; Anti-racism; Curriculum; Education.

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Possui graduação em Pedagogia (UNINTER, 2020) e Letras Português/Inglês pela UNIRB Faculdade Atlântico (2013). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas (GECC) e do Observatório da Juventude e Professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). e-mail: danilotesse2020@gmail.com.

² Pedagoga. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). e-mail: beatriz.joane@discente.ufma.br.

INTRODUÇÃO

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.

Abrimos essa pesquisa com um trecho da música AmarElo do rapper Emicida que dialoga com muitas aflições que nós enquanto seres humanos sentimos, pensando nisso, trazemos para o início da pesquisa a perspicácia dessas palavras, uma vez que evidencia o ato de superar a si mesma/o para se chegar a um novo estágio, estágio esse que nos ajuda a lidar com as nuances que nos atravessam, nos convidando a encontrar em nós aquilo que nem sabíamos que existia. É a transformação do que fizemos/vivemos com aquilo que nos atravessou, pensando em novas possibilidades e potencialidades em nossas relações.

Nesse sentido, apresentaremos ao longo do trabalho como o ato de escrever sobre si pode nos levar a refletirmos sobre nosso percurso de formação formal, não formal e informal. São essas atividades formadoras que privilegiam a utilização de recordações referências para pensar o processo de profissionalização. Portanto, o que pretendemos com isso é construir conhecimentos acerca do ato de biografar por meio de um movimento subjetivo e autoreflexivo.

Abordaremos inicialmente um primeiro ponto, trazendo conceitos para pensarmos as questões étnico-raciais, fazendo um recorte histórico que destaca a importância do movimento negro na discussão da temática. Em seguida, iremos apresentar a perspectiva metodológica. Logo após, expomos o primeiro *relato de si* da pesquisa. Então, partimos para parte analítica do texto, onde discutimos sobre maneiras como a experiência se manifesta. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

Ressaltamos que esse texto ora é escrito na terceira pessoa do plural, outro na primeira pessoa do singular. Quando usamos a terceira pessoa do plural diz de uma escrita em conjunto com nosso grupo de pesquisa e no processo de orientação. Em outros momentos a primeira autora precisou se implicar mais no processo, dizer de si, para si, pois essa é uma pesquisa autobiográfica, na qual ela toma a si mesma como objeto de pesquisa. Então a/o leitora/leitor irá perceber esse duplo modo de escrever, mas sabendo o porquê isso acontece.

1. ALGUNS CONCEITOS PARA A GENTE (SE) PENSAR COM AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

É no cerne dos movimentos sociais que muitas modificações na sociedade são alavancadas. Nesses movimentos, minorias e pessoas engajadas lutam por uma sociedade que acreditam ser melhor. É nesse contexto de luta e resistência que o movimento negro emerge, buscando maneiras de cessar com a invisibilidade da população negra e questionando a não participação dessa população nos diferentes espaços da sociedade, inclusive nos espaços educativos, uma vez que a educação “ocupa lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre os outros” (Gomes, 2011, p.112). Ou seja, entendemos que a educação vai além de suas funções vinculadas exclusivamente ao ensino, é também um exercício de produção de si através dos conhecimentos que nos são disponibilizados em diferentes espaços.

O direito à educação defendido pelo movimento negro é diverso, multifacetado e complexo. São muitas as suas reivindicações e lutas para ver seus sentidos e significados sendo produzidos nos espaços educativos. Entre esses espaços educativos, queremos aqui falar especificamente do currículo escolar.

O movimento negro, juntamente com diferentes grupos culturais foi responsável também por evidenciar como “o currículo, além de capitalista, é também masculino, etnocêntrico, urbano, homofóbico e adultocêntrico” (Paraíso, 2010, p. 32). Isso significa dizer que durante muito tempo o currículo reiterou, (re)produziu verdades que não se preocupavam com as questões étnico-raciais. São os novos mapas políticos e culturais (Paraíso, 2010) que permitem que temáticas antes silenciadas no currículo ganhem importância. E isso se deve, portanto, às lutas de diversos grupos culturais como o movimento negro. Nesse sentido, dizemos que o currículo passou a ser visto a partir de sua relação com a cultura e, portanto, “como um espaço privilegiado de contestação, conflitos e negociações culturais” (Paraíso, 2010, p. 33).

Nesse contexto, convém mencionar que é por meio das reivindicações do movimento negro que uma grande conquista é alcançada no que se refere a inclusão das temáticas étnico-raciais nos currículos: A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 que versa sobre a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos currículos em todas as escolas da rede pública e privada da educação básica. No entanto, somente a existência de uma legislação atenta para o trato dessa questão central de conhecimento, poder e identidade ainda não seria bastante para superar o racismo estrutural e todos os seus impactos.

Desta maneira, é necessário entendermos a importância que essa questão possui e tratá-la de forma importante. Isso demanda uma série de ações que se relacionam aos modos como essa lei vai sendo implementada nas escolas e nos cursos de formação docente. Ou seja, olhar efetivamente para o funcionamento dos currículos escolares e universitários em relação à essa lei. As questões étnico-raciais estão sendo tratadas nos currículos? Como? Qual espaço-tempo dos currículos são direcionados para os estudos dessas questões? São problematizações que podemos continuar fazendo para estar à espreita e analisar as relações de poder que ainda fazem com que a construção de currículos antirracistas seja impossível, uma vez que pesquisas já têm evidenciado como tem sido um desafio a implementação dessa lei. Segundo Silva (2007, p.103) “o racismo é parte de uma matriz mais ampla de estruturas institucionais e discursivas que não podem ser simplesmente reduzidas a atitudes individuais”. Isso significa que é necessário ter ciência que o racismo é uma atitude que se consuma por meio de uma perspectiva histórica que forja os modos que concebemos o que é ser negra/o, por este motivo não pode ser compreendido como uma questão individual, visto que são atitudes discriminatórias, excludentes e racistas resultantes de um processo de colonização que exalta uma única forma de ser, o ser europeu, desprezando assim outras formas de serem e estarem no mundo. São, pois, modos de subjetivação que estão relacionados aos funcionamentos de muitos currículos.

Para se produzir sujeitos outros não racistas, precisamos investir em currículos que discutam as questões e histórias étnico-raciais. Desse modo, procurar caminhos para combater atitudes racistas implica em perceber que somos seres que precisamos aprender a conviver/coexistir com sujeitas/os divergentes, no qual, tratam-se de acordos sociais que visam

gerir “de forma mais sistemática a diversidade étnico-racial, a igualdade e a equidade”, conforme afirma Gomes (2011, p. 120).

Sendo assim, observamos que a escola, enquanto instituição constituída pela diversidade e responsável pela mediação entre indivíduo e sociedade, tem uma função fundamental na luta antirracista, pois é a partir de um processo educativo que afirme e valorize a diversidade étnico-racial que um projeto de educação deve ser pensado, partindo da perspectiva de formar seres pensantes com senso de humanidade. Para tanto, é essencial pensar na construção de um currículo que busque de maneira aprofundada tratar essas questões e não simplesmente reconhecer a existência de uma sociedade diversa e o que se propomos é um trabalho de problematização levando em consideração todos os processos históricos e políticos já vivenciados. Entretanto, é notório que muitas operações de poder são realizadas, na qual, fazem seleções de conteúdos que destacam uma única identidade como ideal (a branca), mostrando a ausência de conteúdos ligados à cultura afro-brasileira.

Nesse sentido, as perguntas relacionadas acima tornam-se ainda mais importantes. Porque, de algum modo, é necessário estarmos à espreita, desconfiados/as sobre os funcionamentos curriculares. Muitas vezes um currículo diz querer um sujeito antirracista, mas o modo como ele funciona não condiz com esse querer. Por exemplo, o que percebemos é que a escola entende que as questões étnico-raciais só devem ser trabalhadas em datas específicas, uma ação que constrói para essa importante temática apenas um currículo turístico, que não fornece bases para combater o racismo estrutural arraigado na nossa sociedade. Pois esse currículo traz essa data como um evento pontual, isolado, sem um aprofundamento. O que depende, em grande parte que os/as professores/as – responsáveis pela construção dos currículos - repensem o exercício de suas funções, assumindo uma postura pedagógica e sobretudo política do que é ser um/a professor/a no Brasil, uma vez que “a atuação política implica o envolvimento dos educadores nos movimentos sociais e nas organizações sindicais e, particularmente, nas lutas organizadas em defesa da escola unitária, democrática e gratuita” (Libanê, 1994, p.34).

Queremos pensar particularmente o funcionamento curricular na educação infantil, posto que o currículo exerce uma função crucial na produção de identidades das crianças, sendo um “espaço que corporifica relações sociais e de poder” (Silva, 2002).

Articulada a essa construção curricular, a/o professora/professor da educação infantil tem um papel importante, Dias (2012) sinaliza que é papel da educadora/educador da primeira infância articular adequadamente o trabalho com a diversidade étnico-racial tendo em vista a utilização de quatro princípios pedagógicos, sendo eles:

(...) o[a] educador[a] tem de ter coragem para trabalhar esse tema; o lúdico é importante no contexto das práticas com a diversidade étnico-racial; a ideia de diferença deve ser construída com a criança como algo positivo; a criança tem de ter elementos que colaborem na construção de sua identidade racial de modo positivo, já que essa identidade não deve ser imposta a ela.

De fato, é uma prática pedagógica multicultural que corrobora na construção de um espaço de aprendizado que reconheça, afirme e valorize a diversidade cultural do país, por outro lado, existem alguns desafios, como a falta de formação para professoras/es e falta de recursos didáticos-pedagógicos para serem explorados. Sem dúvida, são ações assertivas que impulsionará a superação de todo esse retrospecto negativo.

As questões étnico-raciais e as reflexões que faço aqui me atravessaram de uma forma muito específica. Como uma mulher-professora-preta me senti convocada a aprofundar essas reflexões a partir de mim mesma, da minha narrativa, perguntando-me sobre minha constituição, da professora que quero ser e dos currículos que posso desejar, criar e inventar, pois nossas histórias dizem muito sobre nós, o que somos, como somos e sobretudo o que queremos ser, portanto, quando decidimos rememorar algum acontecimento e ir em nossas memórias é um movimento de resgate de si à medida que vamos construindo nossas subjetividades pensando em possíveis trajetórias formativas.

2. METODOLOGIA

O presente estudo situa-se no âmbito de uma metodologia pós-crítica, pois entendemos que “a pesquisa pós-crítica em educação é aberta, aceita diferentes traçados e é movida pelo desejo de pensar coisas diferentes na educação” (Meyer e Paraíso, 2012, p.33), no qual, para o desenvolvimento de qualquer pesquisa é importante delimitar os encaminhamentos da investigação, sendo que, “a metodologia da pesquisa busca especificar o como fazer, ou seja, como coletar os dados necessários para explicar o problema proposto” (Ens, 2006, p. 10).

Além disso, é um estudo de natureza qualitativa com enfoque metodológico nas narrativas autobiográficas, “um método cujo olhar se estende para o sujeito em sua totalidade. Um método que amplia a visão científica do termo conhecimento”, (Souza; Senna, 2023, p.5), o que implica dizer que trata-se de uma escrita marcada e orientada pelas memórias, ou seja, trazemos para esta pesquisa um método de investigação que se potencializa por meio do ato de narrar.

Optamos por trabalhar com esta perspectiva, pois:

[...] não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização. (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p.371)

As narrativas autobiográficas enquanto alternativa metodológica contribuem na percepção de si e da realidade, sendo um modo de escrita que prioriza a “individualidade, vivência, experiência e globalidade do sujeito” (Souza; Senna, 2023, p.5), se tratando de um mecanismo que fomenta a pesquisa-ação-formação.

Todavia, o processo de perceber-se por meio da escrita tende a acionar a necessidade de ressignificação, por esta razão foi realizado um trabalho de intervenção sendo utilizado dois livros de literatura infantil. O primeiro livro utilizado foi Amoras do autor Emicida, um livro que versa sobre negritude, representatividade, preconceito e autoconfiança, além de ser um

exemplo de como a paternidade presente e afetiva contribui para a construção de referências positivas que levam ao desenvolvimento saudável da criança, traz referências à religião e à resistência afro, onde, ao longo da história cita-se Zumbi, Martin Luther King, Malcom X e entidades da mitologia yorubá, o autor ressalta a importância de nos reconhecermos e nos orgulharmos ser quem somos desde criança.

No segundo dia de projeto, foi a vez de utilizar Princesa Arabela, mimada que só ela! de autoria de Mylo Freeman, este livro conta a história de uma princesa africana que tem muito mais do que precisa e está acostumada a conseguir tudo o que quer, seus pais, o rei e a rainha, precisam conseguir um elefante de presente para a filha, entretanto, é o animal que a ensina que ela não é o único ser do mundo, tratando-se de um enredo que nos mostra que o excesso de mimos e extravagâncias consumistas não são tão interessantes quanto parecem ser.

É válido pontuar que ambas as histórias trabalham a valorização da cultura africana e afro-brasileira, pois é produtivo pensar a literatura infantil no espaço escolar enquanto um recurso pedagógico que pode contribuir na formação da identidade e da personalidade da criança, e sobretudo da criança negra.

3. UM PRIMEIRO RELATO DE SI

Apresentamos o primeiro relato de si desse texto. Esse relato foi o principal impulsionador para que eu pensasse nessa proposta de escrita e projeto de pesquisa com intervenção na escola. Um relato de si que é uma marca que carrego até hoje e me constitui.

“Era dezembro de 2007, e eu me encontrava em estado de extrema felicidade, já que a tão sonhada formatura do ABC se tornaria realidade, foi sem dúvida, alguma um dos acontecimentos mais importantes da minha vida e sempre que me pego olhando fotos daquele dia sei o quão bom é relembrar aquele momento.

Vejo que naquela época a vida se apresentava para mim de maneira mais leve e divertida, pois a pouca idade me fazia desfrutar de todos os benefícios que é ser criança, entretanto, um fato triste ocorreu e que hoje me faz perceber como a vida é feita de

atravessamentos, atravessamentos esses que nos motivam e encorajam a seguir com a intensa vontade de mudar as coisas.

Imagem 01 - Bela Adormecida



Fonte: Acervo fotográfico Pessoal

Se por algum momento fechar meus olhos consigo me lembrar de detalhes daquele dia, mas o que mais emociona era como o meu vestido era lindo. Nossa, como era lindo! Também me toca o esforço da minha família e sobretudo da minha mãe para que aquele dia fosse especial para mim, agradeço a Deus por ter conseguido participar, pois nossas condições financeiras não eram as melhores.

Eu sempre gostei muito de conto de fadas, e por esta razão o meu vestido era da Bela Adormecida, a minha história favorita, e uma das meninas da minha turma chegou a comentar que eu não deveria me vestir como tal, pois eu não parecia com nenhuma princesa, foi bem difícil ouvir aquilo, uma vez que quando se é criança e amante de conto de fadas você vive se imaginando uma princesa.

Ao relembrar esse acontecimento consigo sentir duas sensações distintas, a primeira sensação que elenco é a de tristeza, uma imensa tristeza, pois quando me pego pensando que na melhor fase da vida fui invalidada pela minha condição, vejo o quão cruel são os efeitos do racismo estrutural na nossa sociedade, por outro lado, também sinto coragem, coragem por

expor uma situação que me coloca em lugar que eu não quero nunca mais estar, além disso, acredito que é o tipo de coragem que muitas mulheres pretas possuem, porque viver e continuar denunciando o racismo é um ato que persisti em ter uma vida vivível.

Hoje, pelas andanças pela universidade e no devir desta pesquisa, sinto-me uma mulher convicta da minha importância, que se constitui enquanto pessoa preta e demarca essa narrativa na existência para pensar e ousar acreditar em mundo onde as pessoas possam ser respeitadas por serem exatamente como são”.

4. TER EXPERIÊNCIA

Olhar para o passado e revisitar memórias são ações que nos ajudam a compreender nossas trajetórias dando sentido ao nosso percurso pessoal e profissional, sendo que pessoal e profissional se interligam e se expressam de um modo completo e integrado (Moita, 1995), nesse sentido, quando decidimos voltar e deter este olhar em experiências, emoções ou até mesmo um mero acontecimento, estamos revisitando nosso passado e desenvolvendo novos sentidos e significados. Trata-se também de um movimento de perceber-se por meio de nossas subjetividades, tecendo nessa tessitura a experiência biográfica de formação.

Portanto, narraremos alguns fatos importantes, no qual, é válido destacar que fatos importantes são aqui concebidos como eventos pontuais da individualidade de um sujeito, especificamente analisaremos vivências significativas de uma menina/mulher preta no cerne de seu processo formativo.

Viver é complexo e repleto de desafios, mas quando pensamos na vida em sociedade de uma pessoa preta é ainda mais difícil, pois como sabemos é uma vivência atravessada por inúmeras injustiças, sendo um processo injusto e desigual. Certa vez alguém tentava me elogiar quando disse: “- Que negra linda!”, naquele momento tal elogio foi simplesmente um elogio, no entanto, ao ingressar na universidade passei a olhar essa expressão com outros olhos, afinal, não preciso de elogios que destaquem meu tom de pele e só depois elucidem minha estética, o que almejo é ser reconhecida como a mulher preta que sou e assim ser respeitada socialmente. (Menina/mulher preta)

A memória-denúncia evidencia um discurso sutil que é direcionado a mulheres pretas na sociedade com muita frequência, por outro lado, é um forte marcador para que a pessoa-fonte se perceba no interior de suas jornadas formativas e passe a ter compreensão de si mesma através do ato de narrar.

Sobre tal técnica concordamos com Souza e Senna (2023, p. 5) “a utilização dessa abordagem em pesquisas abre espaço para reconstruir experiências em estruturas significativas ao rememorar o vivido, transformando vivências em aprendizagens e, a partir daí, construir um processo autoformativo”, desta forma, se baseando nessa descrição, observamos que o processo de rememoração abre espaço para a construção de significados levando em consideração inquietações do passado. Ainda analisaremos um outro momento de vida:

Penso que nossos trajes, vestimentas e modos de usar o cabelo são decisões que de nenhuma forma podem interferir na vida do outro. Em um determinado período de minha vida decidi que queria usar tranças, pois tranças ao meu ver valoriza ainda mais minha tonalidade, no entanto, quando usava ouvia muitos comentários negativos a respeito das tranças e até perguntavam se era fácil contrair piolhos, um posicionamento que me entristecia. (Menina/mulher preta).

53

Conforme excertos dessa narrativa, é possível verificarmos uma situação de preconceito racial, que apresenta uma visão negativa e estereotipada em relação ao modo de usar o cabelo, nesse sentido, é interessante citarmos que:

[...] a centração no indivíduo como agente e paciente, agindo e sofrendo no seio de grupos sociais, conduz cada vez mais a se investigar em Educação a estreita relação entre aprendizagem e reflexividade autobiográfica. Sendo essa última considerada enquanto a capacidade de criatividade humana para reconstituir a consciência histórica das aprendizagens realizadas ao longo da vida (Souza; Senna, 2023, p.6).

É relevante compreendermos que não se trata de uma simples memória, já que "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado... A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual"

(BOSI, 1994, p.5). Agora um momento significativo, o dia que revisitamos memórias e transformamos em escritos:

A minha história é marcada por muitas cicatrizes, uma dessas me impulsionou a escrever sobre mim e problematizar esses escritos, o dia em que decidi rememorar esse acontecimento é significativo, porque me dá espaço para reconstruir novos processos autoformativos.

Nessa dinâmica, o acontecimento torna-se uma narrativa autobiográfica e passa ser vista como um objeto de estudo, permitindo o entrelaçamento entre o passado e as demandas da vida. Do mesmo modo, é um escrito que denuncia a utilização de um currículo que não prioriza relações pautadas nas diferenças, nos mostrando a importância da representatividade na infância, uma vez que a construção da autoestima da criança deve ser trabalhada na escola.

5. FAZER EXPERIÊNCIA

54

Como bem nos afirmam Souza e Senna (2023), a construção do conhecimento pode partir de experiências significativas do sujeito com o próprio mundo que o cerca. Ou seja, experiências podem ser consideradas como um processo que produz conhecimento.

Pensando nisso, o presente trabalho discute a experiência de uma menina-mulher preta no cerne de seu processo formativo, uma vez que buscamos analisar os efeitos da prática literária afro-brasileira na construção de sua subjetividade realizando um trabalho de problematização em sala de aula.

O trabalho foi realizado na Escola Marielle Francisco da Silva. No que diz respeito à prática pedagógica, os recursos utilizados foram dois livros de literatura infantil, sendo eles: Amoras do autor Emicida e Princesa Arabela, mimada que só ela! da autora Mylo Freeman, além de músicas, brincadeiras e atividades em concordância com a temática.

O trabalho realizado se derivou da experiência citada no primeiro relato que abre este artigo, sendo articulada com nossos desejos profissionais. Assim sendo, é válido mencionarmos as primeiras sensações da primeira autora antes de iniciar sua intervenção no contexto escolar:

Existem dias que o sentimento de inutilidade toma conta de mim, por vezes, sinto que não darei conta de cumprir as tantas exigências da vida adulta, no entanto, hoje foi um dia diferente, eu diria que foi um dia de emoção e afirmação da mulher-professora-preta que venho me constituindo, pois desde que decidi retornar a tal memória sigo convicta da importância da minha narrativa para a docente que pretendo ser.

Voltar à escola na condição de professora, mas de uma professora antirracista que acredita em um mundo melhor onde a diferença racial seja somente uma diferença acionou em mim o sentimento de coragem, e foi exatamente essa coragem que me faltou quando um tempo atrás fui invalidada pela minha condição de ser, contudo, quando vi as crianças e em especial as negras da sala me senti acolhida, o meu eu criança pulsava de alegria, pois ali eu tinha a chance de ressignificar as experiências racistas que tive nos espaços educativos.

O depoimento mencionado acima nos faz percebermos que o trabalho desempenhado foi motivado por uma série de questões que permeiam a existência da sujeita, principalmente o fato de vivermos em uma sociedade ainda racista. Ademais, voltar à escola, como professora constituiu uma oportunidade de vivenciar esse processo com as/os alunas/os, visto que são questões pulsantes do contexto escolar que ocasionam momentos de experiência em consonância com as memórias e os saberes pedagógicos construídos ao longo do percurso formativo.

55

São meios que possibilitam analisar e compreender as particularidades do processo de ensino-aprendizagem, adquirindo direção no que diz respeito a prática pedagógica.

O trabalho despertou algumas lembranças:

Conseguia imaginar diferentes fases da minha vida, sendo a infância a etapa de lembranças significativas, tornando-se inevitável não lembrar da fantasia de ser princesa e a afeição por contos de fadas, mas lembrei-me também do ingresso no curso, um divisor de águas na minha vida, posto que venho me formando e transformando nesse processo, até neste momento, feliz por ser assim e realizando uma pesquisa a partir de mim, ou seja, colocando a minha existência em questão e me constituindo como mulher-professora-preta.

É possível percebermos que a fantasia de ser princesa é mantida e segue no emocional, sendo uma lembrança que desperta felicidade, ademais, podemos verificar a constante interação entre passado, presente e futuro, sendo alicerçado no âmbito do contexto de formação, que por

sua vez, projeta uma docente em meio os tantos desafios do campo de atuação. Assim, a temporalidade assume grande relevância, sobre organização do tempo e sua relação com a dinâmica formativa podemos afirmar que:

O passado, o presente e o futuro estarão entrelaçados durante a narrativa, pois adquirir a consciência do fazer pedagógico está intrinsecamente ligado à experiência refletida, no sentido de fazer alguém pensar em sua trajetória, dentro de uma globalidade temporal, delineando um ‘vai e vem’ entre a memória revisitada e os desafios que a profissão lhe impôs. (Souza; Senna, 2023, p.6).

Gostaríamos de destacar um outro momento:

Em seguida, foi o momento da personalização dos bonecos/as, se tornando o momento mais bonito do dia, pois uma das meninas negras se desenhou e não usou o lápis comumente conhecido como cor de pele, ao perguntar para ela o porquê da não utilização ela disse: ‘Essa cor não é minha tia’, isso me tocou profundamente, uma vez que por muito tempo concebia o lápis ‘cor de pele’ como cor da minha pele, também perguntei se ela gostava de seu cabelo, e ela disse: ‘Gosto tia, meu cabelo é fofinho’, naquele momento muitas coisas se passavam na minha cabeça.

56

Diante da narrativa, é possível percebermos que uma das crianças sentia-se bem com sua condição, apresentando uma avaliação subjetiva positiva acerca de seu modo de ser, sendo notável sua confiança e seu autovalor. Além disso, estar em sala de aula se tornou um espaço de saberes individuais e coletivos sobre o ofício docente desconstruídos e construídos ao longo da história de vida.

6. PENSAR SOBRE EXPERIÊNCIAS

Entendemos que novos saberes podem emergir de experiências, nas quais se tornam saberes indispensáveis para o exercício do nosso ser, visto que “[...] o conhecimento não é um mero produto intelectual, mas a produção de uma nova relação do sujeito consigo mesmo e com os outros” (Le Grand e Pineau, 2012, p.142). Nessa parte do texto iremos discorrer sobre os

efeitos de estar em sala em contato com a literatura, mais precisamente que conhecimentos foram adquiridos ao longo da experiência em sala de aula, havendo uma importante memória:

Lembrei-me quando trabalhava de auxiliar em uma escola de caráter religioso, onde as questões étnico-raciais eram trabalhadas somente no mês de novembro, especificidade de um currículo turístico, lembrando-me dos textos passado pelo professor. O fato é que quando aplicava o projeto pensava na importância de um currículo multicultural que de fato contemple a diversidade.

Nessa narrativa, podemos notar que durante o desenvolvimento do projeto manifesta-se o desejo de criar novos currículos que reflita e problematize as questões étnico-raciais, pois a própria vida é tomada como um espaço-tempo de reflexão e formação docente, onde é interessante que no decorrer de cada etapa do trabalho fragmentos da existência vão sendo relembrados/rememorados.

Um outro momento que iremos mencionar foi o da leitura do segundo livro de literatura afrodescendente, sendo até então uma narrativa desconhecida pelas crianças, sobre esse episódio a primeira é relatado:

57

Ao finalizar a contação de história, senti que as crianças ficaram impactadas com o fato de uma garota africana ser uma princesa, eu observava bastante as meninas pretas da sala e pelas suas expressões percebi que elas se sentiam representadas, bem como eu ao ler a história pela primeira vez.

A narrativa relata a importância da literatura infantil afro-descendente, no qual, tal observação, esbarra na discussão a respeito do olhar para a literatura em um contexto pós-crítico em educação, sendo necessário compreender “o resultado final de um confronto de forças, de relações de poder” (Silva, 2001, p.15), ou seja, são essas forças e relações que são tensionadas na construção de um currículo antirracista. Além do que, é significativo dizer que a leitura da história fez com que a primeira autora se sentisse representada, isso significa que é importante refletir acerca de representações positivas de afro-descendentes.

Um outro relato para analisarmos:

Iniciei cantando com as crianças as músicas cada um tem seu jeito e como é bom ser diferente, ambas retratam a questão da diferença e reforçam a ideia do respeito. As crianças gostaram tanto das músicas que até pediram para repetir, as músicas me lembraram a minha infância.

Importa dizermos que é possível observar o entrelaçamento entre as dimensões da trajetória de vida e a formação, além do mais, é um trabalho que propõe a construção de uma prática pedagógica que respeita e explora a diversidade. Para finalizar nossos episódios-relatos, trazemos o último escrito, que resume as sensações após os dois dias de aplicação de projeto:

O trabalho realizado me fizeste compreender que cada passo que damos estamos em profunda sintonia com o nosso passado, voltar à escola como professora mas motivada pela criança que fui, me fez eu me senti ainda mais necessária na luta antirracista, por isso, para onde for quero levar comigo minhas marcas, pois elas fazem parte de mim!

Isto posto, observamos que a pessoa-fonte de modo singular narra suas vivências/experiências e constrói caminhos para a construção de sua subjetividade, tecendo reflexões sobre sentidos da formação de forma a articula-la com a aprendizagem experiencial e os processos de subjetividades. Portanto, queremos destacar que, conforme Bragança (2009), é necessário se deixar tocar, mobilizar, transformar.

58

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA UM FUTURO QUE DESEJO EM FORMA DE CARTAS PARA OUTRAS MENINAS/MULHERES PRETAS E PROFESSORAS

Olhando agora para as narrativas que teci, posso dizer que muitas coisas foram ditas, no entanto, acredito que ainda outras discussões podem ser feitas. Dedico este trabalho para todas as meninas pretas que de algum modo foram invalidadas e negadas por ousarem fabular e imaginar, queria que esse escrito chegasse até elas para que soubessem que podemos ser tudo aquilo que um dia sonhamos.

Para as professoras pretas, quero dizer que nós temos a obrigação de narrar nossas vivências e experiências para denunciar situações de racismo e suas consequências, pois

realizando esse movimento potencializamos nosso fazer pedagógico e ressignificamos o nosso viver. O projeto e a pesquisa seguem em aberto para pensar novas formas de insistir, persistir e resistir, por isso, conto com o apoio de vocês para juntas sonharmos com o mundo onde somos princesas, professoras, engenheiras, costureiras, enfim, o que sonhamos e queremos ser.

O meu maior desejo é que as questões étnico-raciais não sejam silenciadas no currículo e nem trabalhadas de modo superficial e pontual, quero escolas abertas para o debate e o diálogo, para que as diferentes pessoas olhem para o ambiente escolar e se sintam pertencentes, por outro lado, enquanto professora antirracista, já começo a me mobilizar para cumprir meus propósitos seguindo convicta da importância da minha narrativa.

A produção desse texto sempre se configurou como algo importante para mim, porque além de produzir conhecimento científico termino este trabalho mais forte e segura da minha importância, como uma grande imaginadora que sou acredito que obtive meu “final feliz”.

REFERÊNCIAS

BOSI, Eclêa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. O/A professor/a e os espelhos da pesquisa educacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 90, n. 224, p. 87-101, 2009.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, p. 661-674, 2012.

ENS, Romilda Teodora. Significados da pesquisa segundo alunos e professores de um curso de Pedagogia. 138f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2006.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação- Periódico científico editado pela ANPAE**, v. 27, n. 1, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora, 2017.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. **Belo Horizonte: Mazza Edições**, v. 2, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Apresentação. In: PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Pesquisas sobre currículos e culturas**: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2012. 181 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, T., Tadeu da. Dr. Nietzsche, curriculista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: **Anais da Reunião Anual da ANPED/ 24ª Reunião Anual da ANPED**: Caxambu, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, J. M. P. de; SENA, L. A. G. S. A narrativa (auto)biográfica na pesquisa em educação: uma prática de linguagem reflexiva. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 8, n. 23, p. e1103, 2023. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.e1103. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/10785>. Acesso em: 23 abr. 2023.

Submetido: 14/09/2023

Aprovado: 04/04/2024